

DAS ESCOLAS E DAS CULTURAS: HISTÓRIA DE UMA SEQUÊNCIA CONSONÂNTICA

ERNESTO d'ANDRADE E M^a CELESTE RODRIGUES

(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Centro de Linguística da Universidade de
Lisboa)

A sequência -sC em posição inicial apresenta manifestações diferentes nas línguas românicas¹. Em português, existem formas fonéticas com uma vogal à esquerda da fricativa e outras que a dispensam. Este facto poderia ser entendido de um de dois modos, num modelo teórico SPE, nos casos em que a mesma palavra pode ter ou não representação fonética para a vogal: ou a estrutura tem uma vogal em posição inicial e os casos em que ela não ocorre foneticamente se devem a queda ou, pelo contrário, a estrutura não tem vogal e, quando ela surge na forma fonética, isso é devido a uma inserção.

São duas as razões pelas quais devemos questionar a inexistência na representação subjacente de uma posição de núcleo silábico. A primeira é a de uma mesma palavra ou palavras morfologicamente aparentadas poderem apresentar foneticamente uma vogal antes da fricativa (*estável, esgotado*). Efectivamente, em português (português europeu - PE) qualquer destas palavras pode ser produzida sem vogal inicial, com [i], com [ə] ou [e] seguidos de fricativa palatal, vozeada ou não vozeada (em função do vozeamento da consoante seguinte)². A segunda razão tem a ver com a estruturação silábica deste tipo de palavras. Como explicar a natureza palatal da fricativa se não houver uma posição de núcleo à sua esquerda que lhe permita assumir todas as características de uma coda fricativa em português?

Antes de mais, parece-nos necessário distinguir os diferentes grupos de palavras.

Assim, distinguimos as palavras que apresentam sempre uma vogal de qualidade invariável antes da fricativa das que apresentam sempre vogal mas de

qualidade variável e, ainda, das que podem não apresentar qualquer vogal. Temos, por exemplo, no primeiro caso *astral* e, no segundo, *ostentar*³. Palavras como *escola*, *snobismo* e *isqueiro* exemplificam tipos diferentes do terceiro caso. De facto, *escola* pode conter foneticamente vogal ou não. *Snobismo* nunca tem vogal em PE, embora a possa ter em PB, e *isqueiro* também pode ter ou não vogal, embora nos pareça necessário distinguir este tipo de palavras das do tipo de *escola*.

Os dois casos que manifestam oposição entre presença e ausência de vogal (palavras começadas por <e> ou <i> em posições não acentuadas iniciais) constituem o centro da nossa análise. Temos, neste contexto, de considerar palavras como: *escola*, *esperançado*, *esboço*, *esloveno*, *esmola*, *estação*, *esdrúxula*, *esgrima*, *esfregar*, *esvaziar* etc. (o único tipo de palavras de que apresentamos dados) e, apesar de não representados no *corpus* em análise, *isqueiro*, *iscariote*, *islamismo*.

Na análise fonológica que apresentamos de seguida incluímos, para além de todos os tipos de palavras já referidos, palavras como *experiência*, *expor*, etc. Essa análise é seguida da apresentação dos dados.

De modo a obtermos um melhor entendimento das questões envolvidas na estrutura <esC>, achamos conveniente abordar em conjunto algumas outras estruturas que podem ser aparentadas com esta ou ajudar a esclarecer alguns aspectos desta. Assim, distinguimos os seguintes grupos de palavras:

1. Palavras do tipo de *escola*.
2. Palavras do tipo de *snobismo*, *stress*.
3. Palavras do tipo de *isqueiro*.
4. Palavras do tipo de *experiência*.

A 1 correspondem, como veremos, em PE [ʃ]C, maioritariamente, [i]C, com alguma frequência, e [e]C e [ə]C, esporadicamente. A 2, em PE, corresponde [sn] ou [str], conforme a palavra, i. é, para a fricativa sempre [s]. Em PB, pode corresponder [zn], [izn], [ezn] ou [str], [istr] ou [estr] (mas não *[sit]). A 3, em PE, correspondem [i]C, na maior parte dos casos, e [ʃ]C, por vezes. A 4 correspondem [ʃ]C, maioritariamente, mas também [i]C, [e]C, [ə]C, [ej]C e [ej]C. Torna-se claro, portanto, que existem casos distintos que têm resultados idênticos.

Na tentativa de compreender a posição que a fricativa ocupa em cada caso, faremos uma descrição mais detalhada do comportamento fonético e fonológico das palavras envolvidas.

No que respeita a 1, poderíamos pensar que a fricativa se encontra no mesmo constituinte silábico que a consoante seguinte (num ataque complexo), baseados nas formas mais frequentes sem vogal ([ʃ]C). No entanto, a esta interpretação haveria a opor o facto de haver violação do princípio de sonoridade no ataque dessa sílaba porque, muitas vezes, C equivale a uma consoante menos

sonora do que a fricativa. Neste caso, portanto, a palavra *escola* teria duas sílabas, não três. Ter-se-ia de explicar, ainda, a natureza palatal da fricativa não em coda mas, de qualquer modo, em posição preconsonântica num ataque ramificado. Contrariamente, poderíamos supor que a fricativa está na coda de uma sílaba diferente da da outra consoante. Neste caso, a questão não seria a de explicar a natureza palatal da consoante mas, sim, o facto de poder não haver representação fonética de qualquer núcleo dessa sílaba ou haver [i], [e] ou [ə]. Poderíamos, por último, supor que a fricativa se encontra no ataque de uma sílaba diferente da que contém C. Ao fazê-lo, porém, não se perceberia porque é que a fricativa em tal posição era umas vezes vozeada outras surda e, muito menos, porque é que não há vestígios fonéticos de qualquer vogal entre as duas consoantes (visto que essa seria a posição de núcleo dessa primeira sílaba). Gostaríamos de contrapor, aqui, o caso das palavras do tipo de *psicologia*, ou *mnemónica* que, tendo sequências consonânticas foneticamente, em termos estruturais possuem um núcleo vazio na sílaba inicial. A diferença entre este tipo de palavras e as de 1 reside na posição desse núcleo vazio. Em 1 ele está à esquerda da fricativa e em *psicologia* ele está à direita da consoante inicial. Como é sabido, em PE, como em PB, núcleos vazios podem ser preenchidos por vogais como [ə], [i] ou [e].

Passando de imediato a 3 (que também tem resultados coincidentes com 1 e 4), a questão que se levanta é a de saber se antes da fricativa existe uma posição de núcleo e qual a sua natureza, para além de determinar exactamente qual é a posição ocupada pela fricativa. Seja como for, a distribuição das variantes deste grupo de palavras é substancialmente diferente da de 1 e 4.

Relativamente a 4 e comparando com o comportamento das palavras de 1, seria de supor que as estruturas de base de 1 e 4 fossem diferentes, apesar de parte dos resultados fonéticos serem coincidentes, porque para as palavras de 1 não existe [ej]C ou [vj]C, variantes correntes para 4.

As palavras do tipo de 2, estrangeirismos, têm realizações diferentes em PE e PB. Parece-nos que os locutores analisam a estrutura de duas formas diferentes uma vez que, em PE, não há palatalização da fricativa em posição preconsonântica mas, em PB, transformações cruciais podem dar-se (a nosso ver, não compatíveis com a percepção da mesma representação subjacente que deriva a forma do PE). Em PB formas com ou sem vogal depois da fricativa alternam com formas com palatalização da fricativa e uma vogal em posição inicial.

Resumindo, em 2, a fricativa faz parte de uma sílaba diferente da das outras consoantes. O facto de poder haver uma vogal, em qualquer das variedades de português, entre as duas consoantes em 2 mostra que a ligação entre as duas consoantes é muito ténue, ao contrário da que une as consoantes dos grupos consonânticos, *pr, br, fr, kr, gr, fl, pl, etc*, entre as quais nenhum material fonético se interpõe. Supomos, todavia, que, para compreender que em PE haja sempre [s], a consoante fricativa se encontre, estruturalmente, na posição de ataque e

especificada como [+contínuo, -vozeado], ao contrário do que parece passar-se em PB, onde ela deve ser percebida como coda, e por isso subespecificada quanto a [vozeado] o que justifica que se comporte exactamente como em 1, i. é, concordando em vozeamento com a consoante seguinte.

Se 1, 3 e 4 tivessem a mesma representação, não se compreenderiam as diferenças de comportamento que atestamos. Então, parece-nos que devemos isolar 4, pelo facto de ser a única que pode ter realizações ditongadas e que, a nosso ver, derivam do facto de haver um núcleo à esquerda da fricativa que é especificado como /e/.

Dadas as diferenças entre 1 e 3 encontradas nos dados, é de supor que a representação seja diferente. Existindo maior frequência de formas sem vogal para 1 e maior frequência de formas de 3 com [i], consideramos que 1 deve ter um núcleo vazio à esquerda da fricativa e que 3 deve ter um núcleo preenchido por /i/ (que poderá ser ou não realizado). Outro argumento favorável a esta interpretação de 1 encontra-se no facto de as palavras prefixadas por IN- significando "negação" deste tipo (*esgotável, inesgotável*) conterem [n] na sua representação fonética. De facto, ao fazê-lo, estas palavras ficam enquadradas, como seria de esperar, com todas as outras cujo radical começa por vogal⁴. Relembre-se, [n] nunca aparece quando o radical começa por obstruinte (nesse caso nasaliza a vogal do prefixo) nem quando a consoante é sonante (caso em que é totalmente assimilado). O núcleo vazio antes da fricativa que prevemos para 1 é condição suficiente para que a nasal não se encontre antes de consoante nas formas prefixadas e, por essa razão, possua [n] (*inesperado, inesgotável*). Como [j] e C não podem estar no mesmo constituinte silábico, [j] terá de estar na coda da 1ª sílaba e C no ataque da 2ª.

Feitas estas distinções, propomos então que a sequência -sC, nas palavras do tipo de *escola*, tenha a seguinte representação subjacente /sC/, nas palavras do tipo de *isqueiro*, tenha como representação /isC/ e, nas palavras do tipo de *experiência*, tenha /esC/. Esta proposta é compatível com a apresentada em ANDRADE, e MATEUS, 1996⁵, apesar de palavras que foneticamente podem ser #sC aí serem referidas como tendo um núcleo preenchido.

De acordo com a Teoria da Optimidade (TO), sem fazer referência a questões mais complexas que têm a ver com a qualidade das vogais que podem aparecer como manifestações fonéticas de núcleos vazios, podemos descrever os tipos de formas que encontramos usando cinco restrições, apenas. Uma dessas restrições, ONS-SON⁶, diz respeito à sonoridade dos segmentos dos ataques silábicos, impondo que exista um aumento de sonoridade nos ataques complexos (o que, em português, determina que os ataques complexos tenham de ser constituídos por obstruinte seguida de líquida). Outra dessas restrições é CODA-COND que requer que a posição de coda em português só possa ser ocupada por coronal (a fricativa /S/ ou líquida). Temos, ainda, de usar uma restrição relativa à

manutenção da integridade dos morfemas, M-INT, que impõe que os segmentos de um morfema não sejam separados. Necessitamos também de MAX-IO que exige que todos os segmentos do *input* estejam representados no *output*. Por último, necessitamos de DEP-IO que impõe que a cada segmento do *input* corresponda um elemento do *output* (i. é, que não deva existir um segmento no *output* que não esteja presente no *input*).

Para palavras do tipo de *escola*, vemos que três das restrições acima referidas são suficientes para identificar o 2º candidato como óptimo. Os candidatos que preenchem com vogal a posição anterior à fricativa não são senão diferentes possibilidades de preenchimento de núcleos vazios em português. Normalmente aparece [a], mas, como se trata de posição inicial, é, mais frequentemente, [i].

Skola	ONS-SON	M-INT	DEP-IO
SV.kə		*	*
☞ VS.kə			*
Skə.	*!	*	*

A título comparativo, mostramos a descrição das formas do tipo de *psicologia* que evidenciam a ordenação crucial CODA-COND + M-INT.

psi	ONS-SON	CODA-COND	M-INT	DEP-IO
Vp.si		*!	*	*
☞ pV.si			*	*
psi	*!	*	*	*

Para palavras do tipo de *snobismo*, em PE, o 2º candidato é o preferido e, em PB, é o 4º dos que referimos no quadro seguinte. A diferença que se pode registar (formas com [iz]/[is] vs. formas com [sə]) deve-se, no nosso entender, à diferença de especificação da posição fricativa e não a qualquer diferente hierarquia das restrições, o que torna a descrição ainda mais económica. Assim, nos três primeiros candidatos referidos no quadro, /s/ é especificado como não vozeado e, nos três últimos, ele não tem especificação quanto a essa propriedade o que implica que o candidato com a fricativa em coda seja o melhor colocado.

snob	ONS-SON	CODA-COND	M-INT	DEP-IO
Vs.n		*		*
(PE) ☞ sV.n			*	*
sn	*!	*	*	*
(PB) ☞ VS.n				*

ACTAS DO XIV ENCONTRO NACIONAL DA APL

SV.n			*	*
Sn	*!			

Para palavras como *isqueiro*, a forma sem vogal inicial apresentada em 3º lugar poderá ser admitida, excepcionalmente, apesar de violar MAX-IO.

iSk	ONS-SON	M-INT	DEP-IO	MAX-IO
☞ iS.k				
Sk	*!			*
S.k				*

Para as formas do tipo de *experiência*, tal como para *isqueiro*, formas com vogal inicial são preferidas face às que a não possuam.

eSp	ONS-SON	M-INT	DEP-IO	MAX-IO
☞ eS.p				
Sp	*!			*
S.p				*

Os dados usados para este estudo foram recolhidos em 1996 e 1997⁷ em Lisboa e Braga.

Os 21 informantes aqui incluídos têm os seguintes perfis: idade entre os 25 e os 40 anos e entre a 4ª classe e o 9º ano de escolaridade ou licenciatura. São 14 falantes do sexo feminino e 7 do sexo masculino nativos das duas cidades, tendo nelas vivido a maior parte das suas vidas (quase todos têm pais naturais da mesma cidade) e foram entrevistados por um dos autores desta comunicação, isoladamente, em ambiente familiar ao informante (em sua casa ou no seu trabalho).

Em primeiro lugar, apresentamos os dados relativos à leitura de palavras isoladas. Seguidamente, apresentamos os da leitura de texto. Por último, apresentamos os dados do que designamos por "discurso informal".

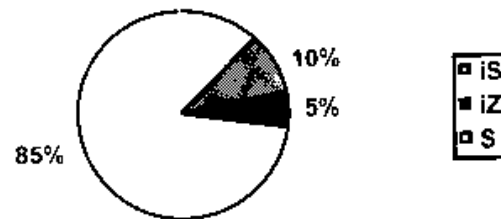
De modo a obter uma ideia geral do peso da variação encontrada, fizemos uma pesquisa nos nossos dados relativos a cada uma das cidades, incluindo todos os informantes sem distinção do tipo de discurso. Verificámos que em Braga 25% das palavras do tipo de *escola* possuem vogal (20% das quais com [i]) e que em Lisboa apenas cerca de 5% das formas a possuem.

Parece-nos, portanto, conveniente identificar quais são os grupos de informantes ou as circunstâncias que têm maior percentagem de ocorrência de formas com e sem vogal.

Começamos com os dados de leitura de palavras isoladas e, para se tornar mais fácil a comparação entre os dados de informantes com características semelhantes, neste tipo de discurso (como nos restantes) apresentamos em

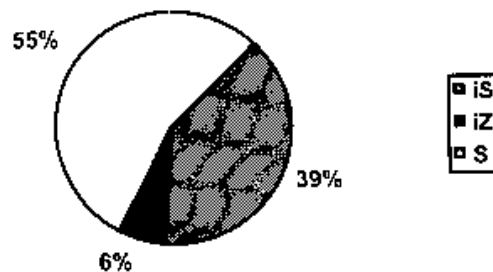
sequência o gráfico de Braga e o de Lisboa, sempre que tenhamos dados para o fazer⁸.

Gráfico 1 - esC inic s/v LP BF13



O gráfico 1, relativo a informantes com escolaridade inferior ou igual ao 9º ano (doravante referido como "não licenciado"), mostra uma grande desproporção entre o número de formas lidas com e sem vogal inicial, 15% vs. 85%. Como os 5% relativos a [i3] correspondem a 100% das formas em que C é vozeada no conjunto de palavras lidas, vemos que, aparentemente, só se C for surda é que pode existir variação. Apenas 10% das palavras do tipo de *escola* lidas são produzidas com vogal inicial se C for surda neste tipo de discurso e de informante.

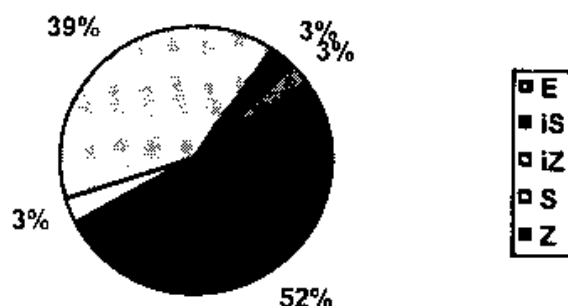
Gráfico 2 - esC inic s/v LP LF13



No gráfico 2, relativo a informantes não licenciadas de Lisboa, o equilíbrio entre formas com e sem vogal é notório apesar de as formas sem vogal serem mais numerosas. É de notar, ainda, que todas as formas com C vozeada são pronunciadas com vogal.

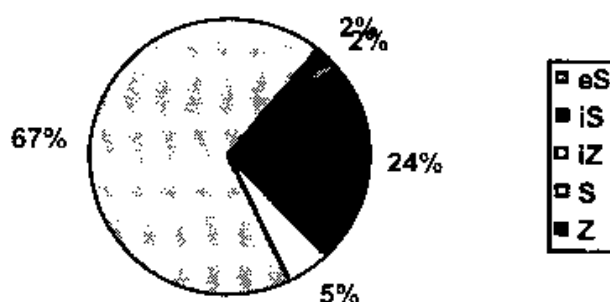
Quanto aos informantes do sexo masculino, vemos no gráfico que se segue que os não licenciados de Braga têm 55% de formas com vogal vs. 42% de formas sem vogal, visto que os 3% relativos a "E" são erros (casos de palavras mal lidas). É um resultado nitidamente diferente do de BF13 (Gr. 1).

Gráfico 3 - esC inic s/v LP BM13



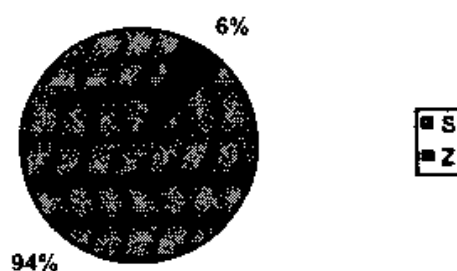
Não temos, infelizmente, dados relativos a informantes com o mesmo perfil de Lisboa, pelo que a comparação neste ponto é impossível. Passamos, portanto, para os informantes licenciados.

Gráfico 4 - esC inic s/v LP BF33



Como é visível no gráfico 4, acima, 69% das palavras foram lidas sem vogal inicial pelas informantes de Braga. Nos 31% de formas com vogal, [i] é a vogal preferida tanto nas palavras em que C é surda como vozeada.

Gráfico 5 - esC inic s/v LP LF33



Os dados relativos às informantes licenciadas de Lisboa (gráfico 5) apresentam, ao contrário do que se passa com as não licenciadas, total ausência de variação. Todas as palavras foram proferidas sem vogal inicial.

Os informantes licenciados de Braga usaram em 59% dos casos formas sem vogal (gráfico 6), ao passo que os não licenciados, como já vimos, usaram maioritariamente formas com vogal.

Gráfico 6 - esC inic s/v LP BM33

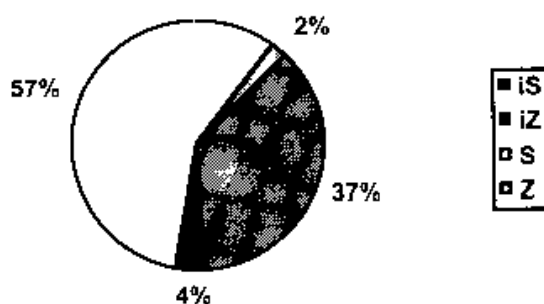
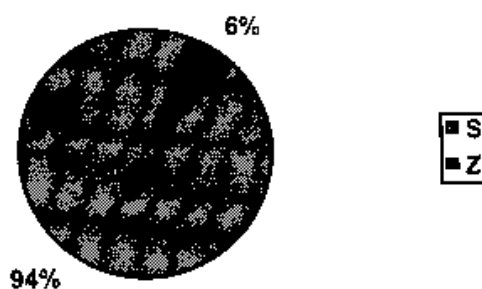


Gráfico 7 - esC inic s/v LP LM33



Relativamente aos informantes licenciados de Lisboa, gráfico 7, os dados mostram total preferência por formas sem vogal inicial.

Chegados a este ponto podemos dizer que:

1 - Só os informantes licenciados de Lisboa (F ou M) usam sempre formas sem vogal. Assim, as formas com vogal são mais comuns em Braga do que em Lisboa, visto que em Braga surgem em todos os tipos de informante.

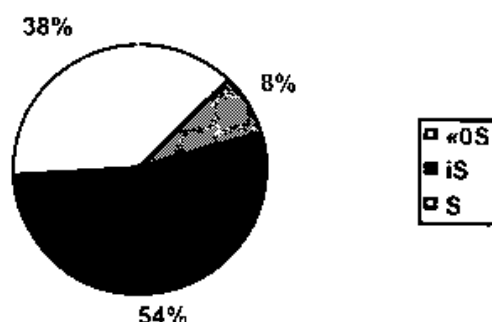
2 - Excepto no caso de BM13, [j] é sempre maioritário e [i] é a 2ª forma mais frequente nos informantes que usam formas com e sem vogal na leitura de palavras isoladas.

3 - As formas com C vozeada, excepto nos informantes licenciados de Lisboa, são mais frequentemente lidas com vogal do que as que têm C não vozeada.

4 - Em Braga, os homens usam percentualmente mais formas com vogal do que as mulheres.

Continuando com os mesmos grupos de informantes e mantendo a ordem de apresentação dos gráficos, passamos agora a mostrar os gráficos relativos à leitura de texto.

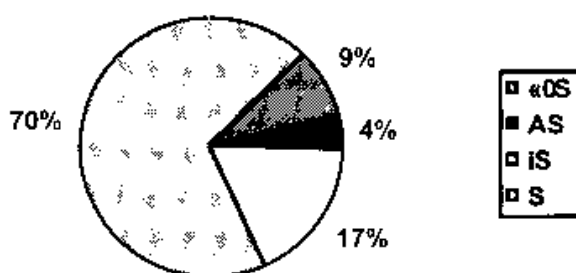
Gráfico 8 - esC inic s/v LT BF13



Neste tipo de discurso, no gráfico 8, verifica-se que as formas com vogal são maioritárias, ao contrário do que se registara em LP (Gr. 1). Os 8% referidos no gráfico dizem respeito a palavras que surgem depois de outras terminadas em [ə], pelo que podemos, por vezes, interrogar-nos se se enquadram com as que têm ou com as que não têm vogal.

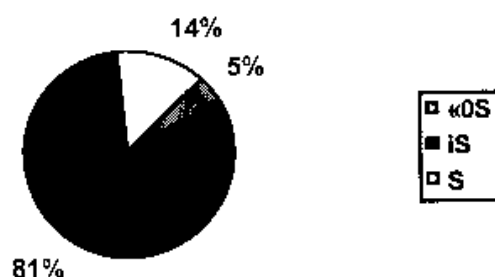
No que se refere a Lisboa, na leitura de texto, as mulheres não licenciadas, como mostra o gráfico 9, leram uma larga maioria de formas sem vogal inicial (apenas c. 17% contêm vogal vs. 45% em LP - Gr.2). Os 4% relativos a [v] correspondem a erros de leitura de uma palavra cometido por uma informante.

Gráfico 9 - esC inic s/v LT LF13



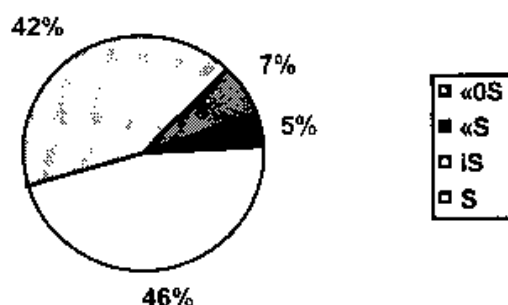
Considerando agora os informantes do sexo masculino, vemos no gráfico 10 que as formas com vogal estão em larga maioria nos informantes BM13 (cf. LP com 55% - Gr. 3).

Gráfico 10 - esC inic s/v LT BM13



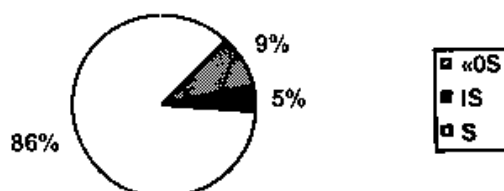
No caso das informantes licenciadas (gráfico 11), as formas com vogal são em maior número do que em LP (Gr. 4). Existe, porém, um equilíbrio bastante grande: [i:] e [a:] perfazem 51% vs. 49% de formas sem vogal, se considerarmos que os 7% contêm [a] em representação da palavra anterior).

Gráfico 11 - esC inic s/v LT BF33



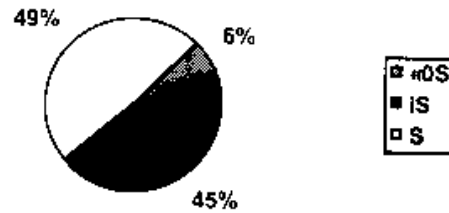
No gráfico 12, relativo às informantes licenciadas de Lisboa, formas com vogal são apenas 5% mas já quebram a hegemonia de formas sem vogal que estas informantes apresentam na leitura de palavras isoladas.

Gráfico 12 - esC inic s/v LT LF33



Porém, se forem homens licenciados de Braga, como se vê no gráfico que se segue, o equilíbrio já é evidente, sendo mais elevado o número de formas sem vogal, como já acontecia em LP (Gr. 6).

Gráfico 13 - esC inic s/v LT BM33



Os dados dos homens licenciados de Lisboa (gráfico 14), se considerarmos que [ə] pertence à palavra anterior em 9% dos casos, evidenciam total ausência de variação (como acontecia em LP, Gr. 7).

Gráfico 14 - esC inic s/v LT LM33



Relativamente à leitura de texto, podemos dizer que:

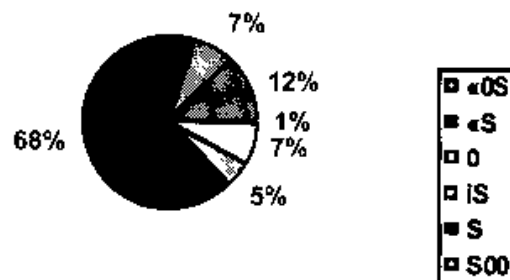
1 - As formas com vogal aparecem em todos os tipos de informante, à excepção de LM33.

2 - Em Lisboa, as formas com vogal são mais frequentes nas informantes menos escolarizadas.

3 - Em Braga as formas com vogal só não são as mais frequentes em BM33. Atingem mais de 80% nos homens não licenciados e são, também nas mulheres, mais altas nas menos escolarizadas do que nas licenciadas.

Os gráficos seguintes dizem respeito ao discurso informal.

Gráfico 15 - esC inic s/v DI BF13

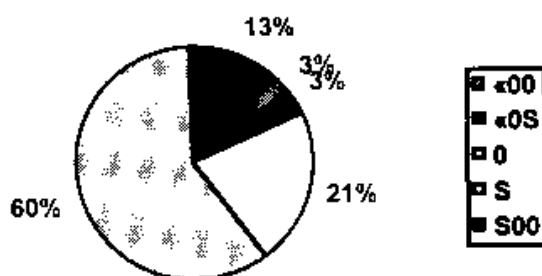


DAS ESCOLAS E DAS CULTURAS: HISTÓRIA DE UMA SEQUÊNCIA CONSONÂNCIA

Neste 1º gráfico uma larga maioria de formas não possui vogal antes da fricativa. Apenas 6% contêm [i] ou [ə] (vs. 15% LP (Gr. 1) e 51% LT (Gr. 8)). Neste gráfico aparecem, ainda, representadas separadamente as percentagens de ocorrência de formas do verbo *estar* em que nem a fricativa está presente (7%) e formas que são precedidas por palavras terminadas em [j] (7%).

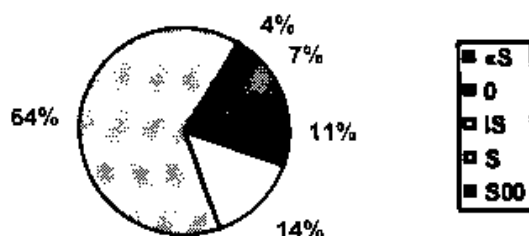
No gráfico 16, podemos ver os dados relativos às informantes de Lisboa não licenciadas. Neste tipo de discurso, estas informantes não manifestam formas com vogal inicial (em oposição a LP (Gr. 2) e LT (Gr. 9)).

Gráfico 16 - esC inic s/v DI LF13



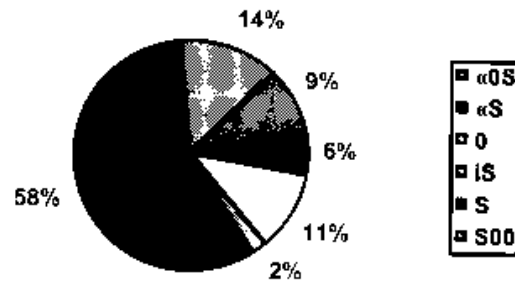
No gráfico 16, representativo dos informantes não licenciados de Braga, as formas com vogal perfazem 21% (vs. 81% em LT (Gr. 10) e 55% em LP (Gr. 3)).

Gráfico 17 - esC inic s/v DI BM13



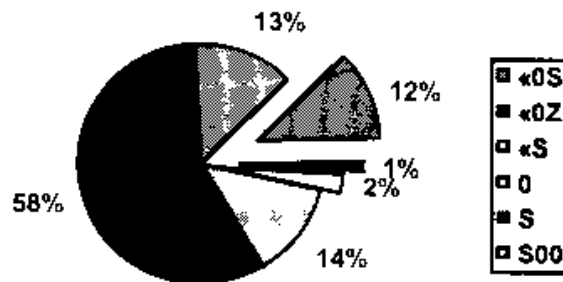
No gráfico 18, relativo às informantes licenciadas de Braga, vemos que também as formas sem vogal são preferidas na maior parte dos casos. Somente 8% das formas apresentam, claramente, vogal, [i] ou [ə]. Longe, portanto dos 51% em LT e, mesmo, dos 30% em LP (Grs. 11 e 4, respectivamente).

Gráfico 18 - esC inic s/v DI BF33



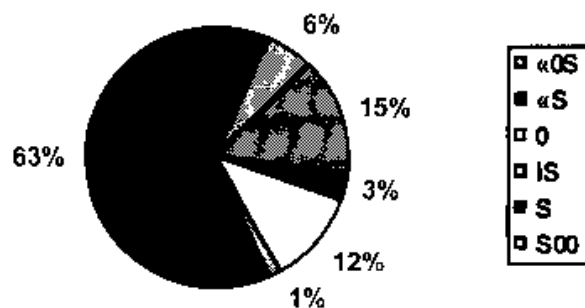
No gráfico 19, não surpreendem os escassos 2% de formas com vogal de LF33 (cf. Grs. 5 e 12).

Gráfico 19 - esC inic s/v DI LF33



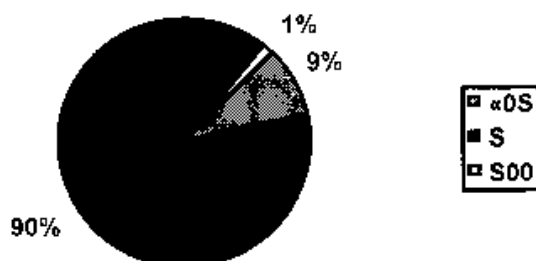
No gráfico 20 (dos informantes licenciados de Braga), é de notar que a percentagem de formas com vogal é muito mais baixa do que no Gr.17 (dos não licenciados) e do que em LP e LT de BM33. É apenas 4%.

Gráfico 20 - esC inic s/v DI BM33



No gráfico 21, vemos que os informantes de Lisboa licenciados, mais uma vez, são os mais consistentes no uso das formas sem vogal inicial.

Gráfico 21 - esC inic s/v DI LM33



Podemos dizer, relativamente a este tipo de discurso, que:

1 - Em Lisboa, de forma geral, não se usam senão formas sem vogal, qualquer que seja o tipo de informante estudado.

2 - Em Braga, a maioria das formas também não têm vogal. Existem, no entanto, muitas que a têm. A percentagem de [i] é superior nos informantes menos escolarizados (sobretudo do sexo masculino: 14%). [ə] é, em princípio, a outra forma mais corrente com vogal. Porém, o peso de [ə] não pode ser claramente compreendido devido à frequente ligação das palavras neste tipo de discurso (a vogal pode pertencer simultaneamente a duas palavras consecutivas).

Em termos gerais, face a todos os dados estudados, podemos concluir que a origem dos informantes, o sexo e o grau de escolaridade e o tipo de discurso condicionam a frequência de uso das variadas formas descritas. Os informantes de Lisboa distinguem-se dos de Braga por não usarem formas com vogal (com duas exceções: a leitura de palavras e de texto de LF13, talvez, devidas a um grau especial de atenção ao discurso). Os licenciados distinguem-se dos não licenciados pelo uso menos frequente de formas com vogal. Homens e mulheres usam, por vezes, percentagens substancialmente diferentes de cada uma das formas (por exemplo, em Braga nas tarefas de leitura). Nos três tipos de discurso um mesmo grupo de informantes tem frequências de ocorrência significativamente diferentes (por ex.: BM13, BM33, BF33, LF13).

Face a estes dados de natureza sociolinguística e à análise dos diferentes tipos de palavras tratados, parece-nos que a proposta fundamentada na existência de um núcleo vazio nas palavras de tipo 1 (/SC/) e de um núcleo preenchido nas de tipo 3 (/iSC/) e 4 (/eSC/) parece ser a que melhor distingue o comportamento dos diferentes tipos de palavras estudados, para além de ser de descrição simples, em TO.

Notas

1 Em castelhano e em galego, foneticamente, é obrigatório haver um núcleo preenchido precedendo o /s/ (cf. *estúpido, estar, escuela*). Este /e/ epentético antes de sC em posição inicial não pode ser acentuado, (cf. as formas do verbo *estar*), com a excepção do demonstrativo, *este*.

2

Em italiano, pelo contrário, esse núcleo nunca aparece, (cf. *stupido, stagno, stare, scuola*). Além disso, em italiano, as palavras com a sequência -sC dão-nos indicações sobre o facto de o /s/ não pertencer à mesma sílaba que o C seguinte. Nesta língua, o artigo definido masculino plural é *i* com palavras iniciadas com consoante mas *gli* com palavras iniciadas com vogal (*i signori, i primi, gli amici, gli abissi*). Com palavras -sC é a variante *gli* que aparece, a variante que aparece antes de vogal, (*gli stupidi, gli spaventi*). Isto nada tem a ver com as propriedades do ξ , visto que palavras como *seni, santi*, iniciadas por *s*, escolhem a variante *i*.

Em francês, as palavras com -sC, etimologicamente, mostram três soluções diferentes: *école* vs. *escalier* vs. *spécial*.

2 Neste aspecto o português do Brasil (PB) comporta-se de modo distinto ao admitir, em certos dialectos, [s] ou [ʃ].

3 Cf. a este respeito MASCARENHAS, I. 1996: *Estudo da Variação Dialectal entre Lisboa e Porto das Vogais Átonas [- rec] e [+ arred] em Contexto Inicial*, Dissert. de Mestrado em Linguística, Fac. de Letras da Univ. de Lisboa, Lisboa.

4 *instável e instabilidade* são casos problemáticos porque têm o mesmo resultado das palavras com radical começado por obstruinte. Entendemos que são excepções isoladas que foram tratadas do mesmo modo que as palavras prefixadas por IN- com outros significados.

5 ANDRADE, E. d' e MATEUS, M. H. M. 1996: "The Syllable Structure in Portuguese", *The Phonology of the World's Languages: The Syllable*, OUP-Pezenas.

6 A escala de sonoridade a que habitualmente se faz referência indica que a sequência: Oclusivas, Fricativas, Nasais, Líquidas, Vogais representa um aumento de sonoridade. Em TO esta escala pode ser transformada num conjunto de restrições: $*O_{\mu} \times *F_{\mu} \times *N_{\mu} \times *L_{\mu} \times MAX \times V_{\mu}$. Como na maior parte das línguas indo-europeias, o /s/ tem, relativamente a certos fenómenos, um lugar que o assemelha às líquidas. Por exemplo, pode como as líquidas ser coda mas, ao contrário delas, não pode ser segundo elemento de um ataque.

7 Inserem-se num conjunto mais vasto que está em fase de tratamento estatístico e linguístico no âmbito de uma dissertação de doutoramento, pelo que apenas usamos uma amostra que evidencia a existência de variação intra e interlocutor já assinalável.

8 Nos gráficos que se seguem "LP" significa "Leitura de Palavras", "LT" "Leitura de Texto" e "DI" "Discurso Informal". "B" significa "Braga" e "L" "Lisboa"; "F" "Sexo Feminino" e "M" "Sexo Masculino". "13" significa "Grau de instrução inferior ao 9º ano de escolaridade e idade entre os 25 e os 40 anos". "33" significa "Licenciado com idade entre 25 e 40 anos". Assim, "esC inic s/v LP BF13" corresponde ao gráfico que mostra a percentagem de ocorrência em formas começadas por <esC> (sendo C surda ou vozeada) das diferentes

formas fonéticas que surgiram na leitura de palavras de mulheres de Braga com menos do que o 9º ano entre 25 e 40 anos de idade. As legendas dos gráficos devem ser entendidas da seguinte forma: "S" - "[ʃ] em posição inicial", "iS", "eS", "AS" ou "aS" - "[i], [e], [ɐ] ou [ə] em posição inicial, respectivamente", "iZ" - "[ʒ] em posição inicial", "0" - "nenhum segmento (nem em representação da posição vocálica nem da fricativa)", "oS" - "[ə] que pode pertencer à 1ª palavra e [ʃ] da palavra-alvo", "S00" - "[ʃ] como último segmento da palavra que antecede a palavra-alvo e nada de diferente em representação da palavra-alvo" e "oS00" - "[ə] da palavra que precede a palavra-alvo".

Bibliografia

- ANDRADE, A. 1996: "Reflexões sobre o 'E mudo' em Português Europeu", CIP, II, APL, Lisboa, 303-344.
- ANDRADE, E. d' e MATEUS, M.H.M. 1996: "The Syllable Structure in Portuguese", *The Phonology of the World's Languages: The Syllable*, OUP-Pezenas.
- BARROS, R. Q. de 1994: *Contributo para uma Análise Sociolinguística do Português de Lisboa: Variantes de /e/ e de /ɛ/ em Contexto Pré-palatal*, Dissert. de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva (Sociolinguística), Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa, Lisboa.
- COLINA, S. 1997: "Epenthesis and Deletion in Galician: an Optimality-theoretic Approach", in MARTÍNEZ-GIL, F. E MORALES-FRONT, A. 1997: *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*, Georgetown Univ. Press, Washington, D.C.
- PRINCE, A. e SMOLENSKY, P. 1993: *Optimality Theory*, Ms., Rutgers Univ, New Brunswick and Univ. of Colorado, Boulder.
- MASCARENHAS, I. 1996: *Estudo da Variação Dialectal entre Lisboa e Porto das Vogais Átonas [-rec] e [+arred] em Contexto Inicial*, Dissert. de Mestrado em Linguística, Fac. de Letras da Univ. de Lisboa, Lisboa.